

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Adm nistrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, E. Miranda e S. Reis

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

ANO XVI

DEZEMBRO 1955

N.º 111

APELO DE FIM DO ANO

A. V. Olson

Vice-Presidente da Conferência Geral

Estamos chegados ao fim de outro ano. Foi um ano febril — a situação internacional esteve carregada de perigo e todo o mundo viveu no receio de outro banho de sangue. Estamos gratos a Deus porque os ventos da contenda foram retidos e a tensão foi algo aliviada. Respira-se agora de novo mais à vontade. O futuro imediato, pensa-se, apresenta-se um pouco mais prometedor. O que Deus permitirá que sobrevenha ao Mundo, só Ele o sabe. Devemos confiar n'Ele e avançar com coragem e confiança.

Não obstante a pressão e tensão do ano que está agora passando à história, a obra de Deus avançou com segurança. Ganham-se grandes vitórias. Milhares de almas que estavam presas nas cadeias da superstição e do pecado foram libertadas, regozijando-se agora na «Bem-aventurada Esperança». O Movimento Adventista estendeu as suas cordas e fortaleceu as suas estacas. Quando os relatórios tiverem todos chegado e forem somados, cremos que se verá que o ano de 1955 foi o ano mais próspero da nossa história.

Reconhecendo que estas realizações do passado foram devidas à boa mão de Deus que esteve sobre nós, damos humildemente todo o louvor e honra e glória Àquele de quem brotam todas as bênçãos. Com coragem e confiança enfrentamos o futuro, decididos a avançar na batalha até que a vitória final seja ganha e o Senhor do Céu venha recolher os Seus santos. A única coisa que se apresenta entre nós e esse glorioso acontecimento é a terminação da obra de Deus na Terra. Esta é uma tarefa estupenda. Por vezes as nossas mentes quase sentem vertigens ao pensarmos na amplitude da tarefa por terminar. Mas

nem por um momento devemos permitir que a nossa fé vacile. Com a ajuda e bênção de Deus ela pode e há-de ser realizada.

Deus está pronto a fazer a Sua parte. Não haverá tardança devida a um fracasso ou negligência da Sua parte. E que se passa connosco? Estamos nós prontos para fazer a nossa parte? Deus escolheu-nos para sermos Seus colaboradores. Devemos ser Seus embaixadores, Suas testemunhas, Seus mensageiros. Por meio de vidas coerentes, pela voz e pela pena, devemos proclamar a última mensagem de Deus a todos os habitantes da Terra. A cada país e clima, à mais ímpia cidade assim como à mais pacífica ilha, deve ser levada a mensagem.

Isto requererá um serviço fiel e consagrado e sacrificada generosidade. Os relatórios que de vários campos missionários chegam até nós falam de maravilhosas aberturas de portas e de urgentes necessidades. Tocantes apelos chegam até nós por mais homens e meios para enfrentar as mais urgentes necessidades. Pensai na Divisão Sul-Africana, por exemplo, com 90.000 almas nas classes baptismais e mais conversos entrando constantemente. Para instruir e firmar convenientemente esta crescente multidão na fé e para os levar a amadurecer até atingirem o dourado grão requer-se um vasto exército de obreiros. Sim, requer-se um exército crescente. Infelizmente, os dirigentes têm sido compelidos, por falta de fundos, a pedir a alguns dos missionários que foram a férias, que não voltem. A mesma coisa sucedeu em algumas das Ilhas da Oceânia.

Este tem sido um golpe esmagador para

os nossos esforçados e sobrecarregados obreiros. Irmãos e irmãs, se tivésseis podido estar presentes em algumas reuniões administrativas missionárias, teríeis visto fortes, valentes e experimentados membros de conselho abatidos e chorando amargamente devido a esta situação. Não sabem como fazer face ao problema. Isso não devia suceder. Eles devem receber auxílio. Novos recrutas têm de partir para engrossar as fileiras.

Para se realizar isso, deve entrar uma corrente mais liberal de fundos na tesou-

raria do Senhor. É tempo de que os nossos membros de todo o Mundo se unam em fervorosa oração para que Deus envie um novo espírito de sacrifício aos corações do Seu povo em cada país a fim de que obreiros mais experimentados possam ser empregados sem tardança. Queira o Senhor ajudar-nos a aumentar as ofertas da Escola Sabatina semana após semana, e, pela Sua graça, não desejaremos fazer da Oferta Anual, a maior da nossa história? Que Deus abençoe a todo o que dá com alegria.

A NOSSA ATITUDE PARA COM O NATAL

Por LUÍS WALDVOGEL

Este é o mês em que o Mundo cristão celebra o Natal de Jesus Cristo. Festejamos os homens pelas mais variadas formas: uns poucos, entregues a pensamentos devotos, plenos de gratidão a Deus por Seu Dom inefável; a grande maioria, porém, em festins bem mais dignos de pagãos do que de pessoas que professam o cristianismo.

Entre nós, adventistas, há os que condenam toda e qualquer comemoração do Natal. Por que, arguem eles, celebrar um acontecimento que não ocorreu na data em que é festejado? Outros tendem para o extremo oposto, excedendo-se em comidas e bebidas, junto a árvores ricamente enfeitadas.

Qual será a atitude correcta? Como nos deveremos relacionar para com uma data universalmente celebrada?

Como em muitas outras alternativas da vida cristã, também aqui «a virtude está no meio». Acertar esse «meio» em todas as coisas, é que deve ser o nosso empenho, e motivo de muita oração.

É certo que não devemos fazer do Natal ocasião para dar largas a tendências gastronómicas.

Mas, notemos bem que a Bíblia não nos proíbe a sã alegria, os prazeres saudáveis. Deus é Pai amoroso, e nunca severo feitor de escravos. Nosso anelo em Sua direcção deve ser de filial confiança, de amor e desafio da alma, e não de temor subserviente. Os deuses pagãos apaziguam-se com sacrifícios inomináveis, porque são representados como entes eternamente irados, prontos a derramar pragas sobre os

seus devotos. Que o nosso Deus é bem diverso, é experiência de todos os que O seguimos.

Entre os israelitas havia até o costume, aliás instituído por Deus, de dedicarem um dízimo especial a aprazíveis festas de família, em que juntos se alegravam cristãmente em refeições comuns, dirigidas de tal modo que preenchessem a sua finalidade precípua: «para que aprendas a temer ao Senhor teu Deus todos os dias.» Deut. 14:23.

Sim, é verdade que não se sabe o dia de entrada do Salvador no Mundo. Mas é certo que, neste ou naquele dia do ano, o milagre se verificou, e bem merece ele um período de memoração especial. E se os homens resolveram estabelecer em 25 de Dezembro esse dia, por que não os acompanharmos na celebração, aliás de maneira muito mais apropriada do que o fazem eles?

É essa a conclusão a que chegamos, ao consultar a Palavra de Deus e os Testemunhos do Espírito de Profecia. Já em anos passados temos aqui publicado, por ocasião do Natal, trechos da Irmã White em que ela esclarece bem a questão. Para benefício dos que não os tenham lido, abaixo voltamos a transcrever parte dos mesmos:

«Como o vinte e cinco de Dezembro é observado para comemorar o nascimento de Cristo, e as crianças têm sido ensinadas, por preceito e por exemplo, que este é na verdade um dia de alegria e regozijo, achareis difícil passar esse período sem lhe dar alguma atenção. Ele pode ser

utilizado para muitos bons fins. Os jovens devem ser tratados com muito cuidado. Não devem ser deixados, no Natal, a procurar divertir-se vãmente, a buscar o prazer, divertimentos que sejam prejudiciais à sua espiritualidade.

«Os pais podem controlar o assunto dirigindo a mente e as dádivas dos filhos para Deus e Sua causa, e a salvação de almas. O desejo de distracção, em vez de ser extinguido e arbitrariamente dominado, deve ser controlado e dirigido mediante cuidadoso esforço por parte dos pais. O seu desejo de dar presentes pode ser guiado para puras e santas direcções, fazendo com que se tornem em bem para os nossos semelhantes pelo prover ao tesouro da vasta, grandiosa obra pela qual Cristo veio a este Mundo. A abnegação, o sacrifício de Si mesmo, assinalaram o Seu procedimento. Que o mesmo assinale o nosso, dos que professamos amar a Jesus; pois n'Ele se concentra a nossa esperança de vida eterna.

«Não se pode fazer os jovens tornarem-se tão quietos e graves como as pessoas idosas, a criança tão sóbria como o adulto. Conquanto as diversões pecaminosas sejam condenadas, como devem ser, provejam os pais, os professores e responsáveis pela juventude, em vez disto, prazeres inocentes, que não manchem nem corrompam a moral. Não ligueis os jovens a rígidas regras e restrições que os levem a sentirem-se oprimidos, e a romper com elas, precipitando-se nas veredas da loucura e da destruição. Com mão firme, bondosa, considerada, mantende as rédeas do governo, guiando e controlando a sua mente e os seus desígnios, fazendo-o todavia com tanta brandura, tão sãbiamente, que eles reconheçam ainda que tendes em vista o seu máximo bem. ...

«O segredo de salvar vossos filhos reside em tornar atractivo e agradável o vosso lar. A condescendência por parté dos pais não prenderá os filhos a Deus nem à casa; mas uma firme e piedosa influência para exercitar e educar devidamente o espírito, salvaria da ruína muitos filhos.

«No Natal, que está prestes a chegar, não tomem os pais a atitude de que um pinheiro colocado na igreja para diversão dos alunos da escola sabatina seja um pecado; pois ele poderá ser tornado uma grande bênção. Mantende ante os seus olhos objectivos generosos. Em caso algum deve o mero divertimento ser o objectivo dessas reuniões. Conquanto possa haver

alguns que tornem essas ocasiões em períodos de descuidosa leveza, e cuja mente não receba a impressão divina, para outros espíritos e caracteres os mesmos momentos serão altamente benéficos. Sinto-me plenamente satisfeita de que substitutos inocentes possam ser imaginados para muitas reuniões desmoralizadoras.

«Aproxima-se o Natal. Que todos vós tenhais sabedoria para fazer dele um período precioso. Que os membros mais idosos da igreja se unam, alma e coração, com os seus filhos nessa inocente distracção e recreação, imaginando meios e modos de manifestar o verdadeiro respeito para com Jesus mediante o trazer-Lhe ofertas e dons. Lembre cada um as reivindicações divinas. A Sua obra não pode ir avante sem o vosso auxílio. Que as dádivas que costumáveis fazer uns aos outros sejam colocadas nos tesouros do Senhor.» — *Review and Herald*, 9 de Dezembro de 1884.

Já que o Natal de Jesus rememora a maior dádiva que o Céu podia conceder aos homens, façamos também dessa data um motivo para incentivar a nossa generosidade cristã, num retrospecto de gratidão ao Senhor, por Suas bênçãos. Há muita pobreza e miséria em torno de nós. Que boa maneira de lembrar o Natal a esses pobres têm as nossas valorosas Dorcas, levando-lhes nesse dia feliz atufadas cestas de mantimentos e alguma roupa! Uma revista ou um folheto junto a esse alimento material, um hino cantado e uma prece dirigida em cada lar visitado — não resultaria daí uma bênção inapreciável?

Legiões de crianças, órfãs de pão, de carinho e de bons exemplos, enxameiam em torno de nós. Não seria bom trazermos para junto da nossa lareira, alpendre ou jardim um bando desses coitadinhos, encher-mos-lhes o estômago vazio e contar-mos-lhes, em linguagem bem infantil, a mais linda história que o Mundo já ouviu?

Belas ofertas

Quereis oferecer a vossos filhos ou a outras crianças um lindo livro de histórias? Dai-lhes *Crianças e Animais* (Encadernado, 35\$00; Brochado, 25\$00).

Desejais, para eles ou para vós, um auxiliar precioso para o culto da manhã? Adquiri a *Devoção Matinal*, para 1956 (3\$00).

«PORTANTO, IDE...»

Reflexões sobre os nossos contactos com o público

De há algum tempo para cá, o problema da atenção que os órgãos de informação pública, ou seja, a imprensa, nos deviam conceder como movimento religioso, ocupa um lugar cada vez mais importante no pensamento e na actividade dos nossos irmãos dirigentes. Este assunto parece-nos digno do interesse e das orações de todos os adventistas; e é essa a razão das observações contidas neste artigo.

Por altura da última sessão da Conferência Geral em S. Francisco, em 1954, ficou decidido mudar o nome do Secretariado da Imprensa da denominação para o de «Secretariado das Relações Públicas»; isto a fim de nos tornar mais acessíveis às organizações da mesma natureza que existem no Mundo. Em nossos dias, o factor «contacto com o público» desempenha com efeito um papel preponderante, porque não basta ter uma ideia a realizar ou uma missão a cumprir: é também necessário que essa ideia ou essa missão se torne conhecida. Daí a importância fundamental de cultivar no mais alto grau as nossas relações públicas e sociais, não só pela imprensa, mas também por todos os outros meios de transmissão de notícias, tais como a rádio, a televisão, etc.

Traduzir um termo estrangeiro noutra língua nem sempre é coisa fácil. Todavia, a tradução por «Relações Sociais», sugerida pelo Ir. A. Vaucher para a expressão «Public Relations», parece-nos das mais apropriadas. Neste caso, a palavra «sociais» tem efectivamente a vantagem de nos lembrar que a sociabilidade é um privilégio que nos incumbe, e que consiste em estabelecer o maior número possível de relações com os nossos contemporâneos, porque é por elas que a Boa Nova se deve propagar.

Houve tempo em que os adventistas eram muito pouco conhecidos. Hoje, ainda, em certos países, confundem-nos involuntariamente — e não para nossa vantagem! — com outros movimentos religiosos. O Ir. E. E. Andross, antigo presidente da Divisão da América Central, afirmava que há vinte anos se ignorava completamente a existência dos adventistas na América do Sul. A única vez em que se falou deles

na imprensa, foi sob a rubrica «Curiosidades...» Pelo contrário, na hora actual, afirma o Ir. H. B. Weeks, da Conferência Geral, relatando este facto, os jornais de todos os continentes falam dum maneira geralmente favorável da obra mundial dos adventistas. Mas sem dúvida estamos apenas no limiar de outras realizações mais satisfatórias ainda no que respeita às nossas relações sociais. E neste domínio como em muitos outros, é de novo Jesus quem, por Seu exemplo, nos pode indicar a melhor maneira de nos associarmos à vida dos homens do nosso tempo a fim de os conhecer melhor e sobretudo de lhes comunicar a mensagem que nos foi confiada em seu favor — tarefa sobremaneira importante.

Cristo e as Suas «relações sociais»

Nunca homem algum se misturou mais intimamente do que Jesus com a vida dos seus contemporâneos. Se, de tempos a tempos, Ele se retirava à parte, evitando a companhia dos homens, era apenas para se entregar à meditação e à oração. E, uma vez penetrado do novo vigor que Lhe vinha deste retiro temporário, dirigia-se de novo para as ruas, para a beira do lago ou para as casas, para junto de homens e mulheres em luta com as misérias e problemas de todos os dias. Jesus não vivia encerrado na torre de marfim de um isolamento desdenhoso. Vêmo-l'O, pelo contrário, participar de boa vontade tanto nas alegrias de uma boda como no banquete de Simão; na refeição de amigos queridos, tais como Lázaro e suas irmãs, como nas de outros judeus, que O convidavam para O espiar. O Salvador associava-se tão intimamente à existência das pessoas da Sua época, que os fariseus e os escribas diziam d'Ele, com a sua má-vontade habitual: «Este recebe pecadores, e come com eles». (Luc. 15:2).

Sim, Jesus era um homem sociável. Tornava-Se conhecido pelos milagres que realizava, pelos discursos que pronunciava e também, indirectamente, pela pregação dos discípulos que Ele enviava dois a dois. Procurava igualmente saber o que as pessoas pensavam d'Ele: «Quem dizem os

homens ser o Filho do homem?» perguntou Ele aos discípulos; e depois acrescentou, insistindo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mat. 16:13, 15). A concepção que tinha o Salvador do valor das relações sociais merece certamente ser meditada e imitada.

«Portanto, ide...»

Estas palavras célebres, contidas no mandato de Jesus à Igreja no momento da ascensão, encerram o segredo da expansão do Cristianismo. Desde então, os cristãos têm-se esforçado por ir junto dos outros homens por todos os meios ao seu alcance. Nós, adventistas, imprimimos livros, fundamos escolas e estações missionárias, abrimos salas de conferências, difundimos programas bíblicos pela rádio e a televisão. Estas actividades contribuem de maneira providencial para os progressos da obra. Mas temos feito tudo quanto nos era possível? Não haveria ainda algum campo de acção a explorar, algum contacto a estabelecer? Assim, a importância que nos atribui a imprensa pública nas suas páginas corresponde aos esforços que fornecemos para isso? Sem dúvida a mentalidade europeia não é a mesma que a dos outros países em que a Igreja, pela sua actividade benéfica, as suas campanhas de evangelização, o seu trabalho missionário, encontra com frequência amplo lugar nos jornais e periódicos. Mas devemos não obstante perguntar-nos: «Temos feito tudo o que podíamos para tirar o maior proveito das circunstâncias que prevalecem no nosso meio?»

Talvez seja bom relatar aqui uma conversa que teve lugar no passado mês de Abril na redacção de um importante jornal de Lausana. O Ir. H. B. Weeks, representante do Departamento das «Public Relations» da Conferência Geral, e eu, fomos objecto desta estranha censura por parte do chefe de redacção:

— Vós, pastores protestantes, fazeis uma «má imprensa»...

— Como assim?

— Porque nunca vos vemos nos nossos escritórios e tão pouco vos vemos junto dos vossos membros!

É inútil dizer que essa ocasião foi excelente para mostrar a esse homem que em todo o caso nós, adventistas, tínhamos dado o primeiro passo e desejávamos esforçar-nos por tornar de futuro a nossa presença mais sensível à imprensa. Despedindo-nos, não tivemos qualquer dificulda-

de em deixar nas suas mãos um comunicado. No dia seguinte, na crónica municipal, era concedido um lugar de honra à assembleia adventista reunida em Lausana em sessão anual, e aos trabalhos que ela realizava. Durante os quatro dias que durou essa assembleia, três vezes o jornal aceitou os artigos que tínhamos preparado para tornar mais conhecida a nossa obra. Inmãos e irmãs, não esqueçamos a observação do redactor: «Nunca vos vemos nos nossos escritórios»!

«Ainda muitíssima terra ficou para possuir»

Certamente, o introduzir-nos na imprensa em geral não é coisa fácil. Não é menos verdade que devemos estabelecer relações com ela, mesmo quando não publica os nossos comunicados. Este trabalho de aproximação evitar-nos-á ser confundidos com fanáticos, como sucedeu recentemente acerca de um massacre de crianças no Brasil. Temos de reconhecer a este propósito que a imprensa de diversos países pôs em seguida as coisas nos seus termos, o que nos valeu colunas inteiras de comentários muito favoráveis, entre outros no jornal parisiense «Samedi-Soir». Outros jornalistas, que tinham de boa fé reproduzido um comunicado que confundia os adventistas com fanáticos, consentiram em publicar depois artigos pormenorizados sobre a nossa acção cristã no Mundo. Há pouco, e em relação com os falsos rumores espalhados a nosso respeito, o Ir. W. R. Beach, na sua qualidade de secretário da nossa obra mundial, teve ocasião de confirmar oficialmente à imprensa a natureza humanitária e benéfica do nosso movimento. Pôde mencionar números verdadeiramente imponentes acerca dos nossos progressos em diversos domínios. Vemos assim que mesmo as circunstâncias desfavoráveis podem modificar-se em nosso favor.

Que o Senhor nos ajude a *avançar* para que façamos em todos os lugares discípulos, por todos os meios possíveis. O Seu poder abriu-nos muitos caminhos, aparentemente inacessíveis, mas «ainda muitíssima terra ficou para possuir». (Cf. Jos. 13:1). Oremos, a fim de receber do alto a sabedoria necessária para a realização desta tarefa.

G. Cupertino

Secretário para a Imprensa
Divisão Sul-Europeia

O ESPÍRITO SANTO

AGENTE DA NOSSA VIDA ESPIRITUAL

Ernesto Ferreira

O nosso espírito, pelo qual nos pomos em contacto com Deus, está como que latente no homem natural. Está como o brazeiro que se extingue, se não for assoprado; como o óvulo infrutífero, se não for fecundado (ver 1 João 3:9, no grego); como o ovo que não se desenvolve em pintinho, se não for chocado. Grande parte dos homens vivem uma vida animal, enquanto o seu espírito permanece adormecido e infecundo. «Estes são... sensuais (*psychikoi*) que não têm o Espírito». (Judas 19). «Ora o homem natural (*psychikos*) não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual (*pneumatikos*) discerne bem tudo». (1 Cor. 2:14, 15).

O espírito constitui sem dúvida o mais nobre dos muitos aspectos em que podemos dizer ter sido feitos à semelhança de Deus. Não que o nosso espírito seja uma emanção divina, mas algo de criado, que para funcionar necessita de determinados órgãos materiais e sobre o qual age directamente o Espírito Santo: «O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito». (Rom. 8:16).

O Espírito Santo vivifica-nos (regeneração)

Na nossa situação natural, encontramos-nos mortos em ofensas e pecados. Estamos irremediavelmente perdidos. Como tais, jamais poderemos herdar a vida eterna. O aperfeiçoamento moral, por muito importante que seja, não resolve a situação. Torna-se necessário um autêntico novo nascimento, que não pode operar-se nem pelo esforço, nem pelo dinheiro, nem pela sabedoria humana, mas unicamente por Deus. Ora é precisamente pelo Espírito Santo que esse novo nascimento, ou regeneração, se opera. Disse Jesus a Nicodemos: «Na verdade, na verdade te digo, que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus». (João 3:5).

Da parte de Deus, essa operação é absolutamente gratuita e não depende de qual-

quer mérito nosso: «Não pelas obras de justiça, que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador.» (Tito 3:5, 6).

Da parte do homem, outra coisa não há a fazer senão abrir o seu espírito à influência do Espírito Santo, ou, noutros termos, entregar-se inteiramente a Deus. A electricidade de uma central pode iluminar milhares de lâmpadas; uma coisa, porém, é necessária: que o interruptor relacionado com cada lâmpada seja ligado. Deus, pelo Espírito Santo, deseja vivificar espiritualmente a todos os homens; mas para poder agir torna-se necessário que o espírito de cada um se Lhe submeta, repudiando o passado pecaminoso e desejando iniciar uma nova vida de obediência.

O Espírito Santo enche-nos (santificação)

À criança, não basta nascer; precisa de continuar com vida e saúde. O nascermos de novo, pelo Espírito Santo, não é também suficiente; necessitamos de prosseguir normalmente a nossa vida espiritual, e só o conseguimos pelo poder do mesmo Espírito, que passa a estabelecer em nós morada.

«Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito... Os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é d'Ele.» (Rom. 8:1, 8, 9).

Quando permitimos que o Espírito Santo estabeleça em nós morada, tornamo-nos como que o Seu templo: «Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?» (1 Cor. 3:16; cfr. 6:19, 20).

Quando nos temos entregado a Deus e desejamos que Ele permaneça em nós, sujeitamo-nos à Sua vontade. Enquanto de-

liberadamente persistirmos na desobediência, é vã presunção ser possuídos pelo «Espírito Santo, que Deus deu àqueles que Lhe obedecem». (Act. 5:32).

A presença do Espírito em nós vai gradualmente transformando o nosso caráter, à medida que nos deixamos moldar pela Sua influência. Na expressão de S. Paulo, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.» (2 Cor. 3:18).

Quando não somos transformados, quando a nossa vida espiritual é imperfeita ou se estiola, a falta não está em Deus, mas sim em nós. Ele deseja operar a nossa santificação, e só pode fazê-lo tomando plena posse de nós. É-nos dito na Epístola aos Efésios: «Enchei-vos do Espírito». (Efés. 5:18). Mas pode um copo ser cheio de cristalina água enquanto não for esvaziado do imundo líquido que está ocupando agora o espaço? Pode o Espírito Santo encher-nos, enquanto nos não esvaziarmos de todo o egoísmo e amor ao pecado?

O Espírito Santo pode habilitar os homens para missões especiais

O Espírito Santo não é dado apenas para regenerar e santificar, habilitando-nos assim para a vida eterna. Pode ser dado aos homens, em condições especiais, a fim de que eles desempenhem determinadas funções históricas.

Assim, nos tempos do Antigo Testamento, vemos o Espírito de Deus dando perícia a Bezaleel, para poder realizar com eficiência certos trabalhos do santuário (Ex. 31:3-5); habilitando Josué para introduzir o povo de Israel em Canaã (Num. 27:18); dando forças a Gideão (Jui. 6:34), a Jefte (Jui. 11:29) e a Sansão (Jui. 14:6) para defenderem o povo das mãos dos inimigos, e sabedoria a Saul (1 Sam. 10:10) e a David (1 Sam. 16:13) para bem governarem a nação.

Através de toda a antiga dispensação foi pelo Espírito Santo que os profetas receberam a revelação divina e a transmitiram aos outros homens. «Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.» (2 Ped. 1:21). Esses profetas «profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os so-

frimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir.» (1 Ped. 1:10, 11).

O Espírito Santo na vida de Jesus

Ao assumir a natureza humana, Jesus é acompanhado pelo Espírito Santo desde o nascimento até à ressurreição.

Com efeito, quando o anjo anunciou a Maria que ela iria ser mãe, disse-lhe: «Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus.» (Luc. 1:35). Quando José pensava em deixar Maria, um anjo lhe apareceu em sonho, dizendo: «Não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo.» (Mat. 1:20). Quando Jesus foi baptizado, «o Espírito Santo desceu sobre Ele». (Luc. 3:22). Depois do baptismo, «Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, e foi levado pelo Espírito ao deserto». (Luc. 4:1). Ao iniciar a Sua vida pública, o Mestre abriu na sinagoga o livro de Isaías, no lugar em que estava escrito: «O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor». (Luc. 4:18, 19). Referindo-se à unção de Jesus, disse o apóstolo Pedro que Deus o ungiu «com o Espírito Santo e com virtude». (Act. 10:38). Era pelo Espírito de Deus que Ele realizava os Seus milagres e expulsava os demónios. (Mat. 12:28). Finalmente, o Espírito O acompanhou na Sua morte (Heb. 9:14) e ressurreição (Rom. 1:4; 8:11).

O Espírito Santo como representante de Jesus

Durante a Sua estadia na Terra, o Mestre repetidas vezes Se referiu ao Espírito Santo que, após a Sua ascensão, havia de ser enviado.

Foi sobretudo depois de celebrada a última ceia que Ele mais o prometeu. «Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o Mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece; mas vós O conheceis porque habita convosco, e estará em vós». «Quando vier o Consolador, que Eu da parte do Pai

vos hei-de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, Ele testificará de Mim». «Digo-vos a verdade, que vos convém que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas se Eu for, enviar-vô-lo-ei. E quando Ele vier, convencerá o Mundo do pecado, e da justiça e do juízo. Do pecado, porque não creram em Mim; da justiça, porque vou para Meu Pai e não Me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste Mundo está julgado. Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir. Ele Me glorificará, porque há-de saber do que é Meu, e vo-lo há-de anunciar». (João 14:16, 17; 15:26; 16:7-15). Já depois de ressuscitado, e imediatamente antes da ascensão, as Suas últimas palavras foram: «Recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da Terra». (Act. 1:8).

Pouco depois, no dia do Pentecostes, descia com efeito o Espírito Santo e começava uma nova época na história do povo de Deus.

Sabemos, pela Bíblia, que o Espírito Santo não foi então, pela primeira vez, enviado aos homens. Em todos os séculos houve pecadores que nasceram de novo, e não puderam passar por essa experiência senão pelo Espírito Santo; em todos os tempos houve pessoas que se prepararam para receber a vida eterna, e não puderam santificar-se senão pela virtude do mesmo Espírito; em todos os tempos o Espírito de Deus se serviu de homens para realizarem missões especiais. Mas a partir do Pentecostes o Espírito, baptizando a Igreja primitiva, vinha confirmar e completar plenamente a própria missão de Jesus a esta terra.

Se é certo que em todos os tempos o novo nascimento e a santificação foram operados pelo Espírito Santo, é também verdade que a aceitação divina dos que passavam por essas experiências só se dava pelos méritos de Jesus, cuja obra expiatória podiam lobrigar apenas num longínquo futuro, pela fé. Aquilo que antes só podia ser tênueamente vislumbrado, passava agora a ser claramente compreendido. Pelo Seu Espírito, Cristo seria de tal

maneira real para os crentes que poderia dizer habitar doravante neles. (Mat. 28:20; João 14:23; Col. 2:27; 3:3; Efés. 3:17; Gál. 4:19).

Por outro lado, por ainda não ter sido glorificado, Jesus não fora compreendido pelos que com Ele conviveram. Sua mãe, os que o Evangelho chama Seus irmãos, e os próprios apóstolos, por mais que pudessem admirar as Suas palavras e milagres, não conseguiam ver no Homem de Nazaré o Salvador da Humanidade. Foi só depois da descida do Espírito Santo que abarcaram em toda a sua plenitude o significado da vida de Jesus e a extensão assombrosa da obra da Redenção por Ele operada, e puderam, iluminados pelo Espírito Santo, dar poderoso testemunho do Salvador.

Aqueles mesmos que O maltrataram e crucificaram, perante as manifestações do Espírito Santo deviam reconhecer a insensatez da sua atitude. Deviam ser convencidos do seu pecado, em O terem rejeitado; da injustiça com que O condenaram, Àquele que agora fora recebido pelo Pai; e da rejeição final, no juízo, de todos quantos, com Satanás, se levantaram contra o Príncipe da vida.

A Igreja de Jesus devia ser estabelecida na Terra. Mas quem eram os apóstolos e primeiros cristãos para realizarem essa obra? Necessitavam do poder do Alto, e esse poder foi derramado exuberantemente sobre eles no Pentecostes e nos primeiros tempos da história do Cristianismo. O livro dos Actos constitui a epopeia dos feitos do Espírito na Igreja primitiva. Com o seu poder o Evangelho é anunciado de maneira a convencer os pecadores, que aos milhares se agregam à igreja.

Dão-se mesmo manifestações extraordinárias, como o dom das línguas, o dom dos milagres, o dom de expulsar demónios, o dom da profecia e outros carismas que habilitam os crentes para uma acção extremamente fecunda.

Como consequência desse baptismo do Espírito Santo na Igreja primitiva, esta espalhou-se rapidamente até aos confins do mundo conhecido de então.



Qual é a nossa experiência pessoal em relação ao Espírito Santo? Fomos já vivificados por Ele para um novo nascimento? Estamos sendo santificados pela Sua presença contínua e absoluta em nós? Estamos de tal maneira sob o Seu domínio que

Ele nos possa usar para ajudarmos o nosso próximo — nos caminhos ordinários da vida ou com o maravilhoso poder de um novo baptismo do Espírito?

Junto de uma ponte de Londres, num frigidíssimo dia de Inverno, estava um pobre cego tocando violino. As suas mãos enregeladas mal conseguiram afinar as cordas e, muito menos, tirar quaisquer sons harmoniosos do cansado instrumento. Os transeuntes passavam apressadamente e nem sequer deixavam uma moeda de cobre no chapéu vazio, que junto dele estava. Um cavalheiro muito bem vestido aproxima-se e pede que lhe empreste o violino. Toma-o em suas delicadas mãos, afina as suas cordas e começa a tocar. Nunca o velho instrumento assim falara. Ouvem-se harmoniosos sons de celeste melodia. As cordas gemem, soluçam, cantam,

falam. O público começa a afluir. As moedas vão tilintando no chapéu, — não já moedas de cobre, mas de prata. Vê-se a comoção nalguns rostos, lágrimas em muitos olhos. Uns aos outros, no denso grupo aglomerado, comentam: «É Paganini quem está a tocar». Com efeito, o célebre violonista encontrava-se então em Londres, e era ele que daquele velho violino, há pouco desafinado, arrebatava as melodias que os encantava.

Até aqui as nossas vidas, repletas de egoísmo, não têm produzido senão sons roufenhos de cordas vibradas por ignorantes mãos. Que belas melodias poderíamos fazer ouvir se tão somente dêssemos lugar à operação do divino Artista.

Não permitiremos que Ele tome posse de nós e arranque das nossas vidas ecos melodiosos da vida divina?

A ESCOLA RÁDIO-POSTAL

(RELATÓRIO APRESENTADO À ASSEMBLEIA DA CONFERÊNCIA)

A Escola Rádio-Postal, ou melhor, o Curso de Bíblia por Correspondência, teve início em Portugal em 15 de Abril de 1948 e a sua acção estende-se há muito para além do Continente Português. Ela conta os seus alunos nas seguintes regiões: Macau, Moçambique, África do Sul, Angola, S. Tomé, Cabo Verde, Açores, Madeira, Espanha e Continente.

Inscreveram-se até à data 4.330 alunos e concederam-se 751 diplomas. Desde as últimas Assembleias de 1953, foram inscritos 1.720 alunos, foram entregues 220 diplomas e foram corrigidas 8.800 lições. Com prazer podemos também registar, desde o início do curso, 53 baptismos, que, segundo nos é possível averiguar, são o resultado directo ou indirecto do nosso Curso.

A acção do nosso Curso está sendo, indiscutivelmente, de alto valor espiritual porque se tem provado um meio valioso para levar muitas almas ao conhecimento da Palavra de Deus, que doutro modo não o teriam recebido, e consolidar a fé de muitas outras que já tinham conhecimento da mensagem adventista.

As apreciações que constantemente nos

chegam da parte dos seus alunos são das mais encorajadoras. A melhor prova do valor do nosso Curso e do bem que ele está realizando evidencia-se nos seus testemunhos. Ei-los:

«E assim, profundamente entusiasmado com o estudo das Sagradas Escrituras que V. me proporcionaram estudar, venho presentemente com esta carta agradecer-vos toda a atenção dispensada, por tudo quanto têm feito por mim. A vossa obra tão meritória bem merece a minha gratidão.» (*Fanzeres*).

«Não poderia eu ficar por mais tempo indiferente, sem ao menos uma palavra de agradecimento pela obra grandiosa que V. estão erguendo pelo povo. A grandeza da vossa obra ergue-se acima de toda a comparação possível, e frutifica, porque a semente maravilhosa que espalhais pela terra é aquela de que Deus se serviu para salvar a humanidade. A vossa obra é luz que alumia todos os que querem ver e é tão pura, tão brilhante e tão clara, que a podemos chamar a Luz da Verdade. Eu, pobre operário, não tenho palavras com que possa exprimir toda a minha gratidão a V.» (*Campanhã*).

«Foi com imenso prazer que recebi o diploma que me foi concedido pela Escola Rádio-Postal, o que desde já agradeço; pena é que pelo menos 99 % da população de todo o mundo não tenha um igual; pois seria o ideal, que todos seguissem a doutrina de Deus.» (*Porto*).

«...Ainda há pouco tempo que encontrei o caminho da Verdade, o que apesar de ainda ser há pouco tempo já deixei de fumar, o que antes me parecia impossível, pois que há nove anos que fumava.» (*Portalegre*).

«Foi com grande alegria que recebi o diploma. Estas lições foram para mim um verdadeiro alívio, pois agora sinto-me mais perto de Deus.» (*Évora*).

«Terminei. Muito obrigado à Escola Rádio-Postal e, graças a Deus, por ter concluído tão útil curso. Um sincero muito obrigado diz tudo.» (*Ervedal da Beira*).

«Sim, considero-me feliz por ter conhecido a tempo as verdades das Sagradas Escrituras. Só com o vosso auxílio — vosso curso — elas são compreendidas.» (*Pena-cova*).

«Continuo a apreciar muitíssimo as vossas lições e não sei como vos agradecer o prazer e o bem que me têm proporcionado.» (*Lisboa*).

«Chegando hoje ao fim do curso, venho deste modo agradecer sinceramente o interesse e o bem espiritual que me proporcionaram.» (*Aveiro*).

«Muito e muito obrigado e nunca poderei esquecer o que os irmãos têm feito por mim e dou graças a Deus por já ter aceitado a mensagem, tendo saído das trevas em que me debatia, estando hoje na luz, e só rogo a Deus que me ajude a sempre permanecer no caminho do verdadeiro cristão.» (*Quilengues — Angola*).

«O vosso curso bíblico é atraente, simples e compreensível, e estou bastante contente pelos ensinamentos que dele tenho colhido.» (*Mavoio — Angola*).

«Em devido tempo recebi o meu diploma bem como as vossas amáveis palavras; muito obrigado por tudo. Bastante me instruiu o curso bíblico e estou-vos grato por tal. Estou procurando pôr a minha vida de harmonia com Deus e nesse sentido escrevi uma carta ao meu chefe pedindo a dispensa do Sábado; que Deus me ajude neste sentido e para tal peço também as orações dos irmãos.» (*Malange — Angola*).

«Acabei o curso de 30 lições e já fui diplomado pela mesma Escola. Reconheço por verdade que foi Deus quem me guiou

até ao fim destas lições. Só agora posso avaliar as bênçãos em profusão e o conhecimento da «Verdade Eterna» que recebi.» (*Quilengues — Angola*).

«Não posso deixar de exprimir o meu sincero agradecimento a V. e a essa Escola, pois que, se não fora os seus ensinamentos, nunca teria a felicidade de encontrar algumas das tantas riquezas que se acham na lei de Deus. Creia V. que bem custa deixar de ter comunicação com essa Escola, que, com a Palavra de Deus, tantos benefícios me trouxe. Sinto-me orgulhoso por me ter inscrito como aluno e a minha pena é de o não ter feito há mais tempo.» (*Livração — Porto*).

«É com grande satisfação que me pronfifico a agradecer a V. a oportunidade que me concedestes em conhecer o caminho da salvação por meio das maravilhosas lições. Sinto-me feliz e contente por chegar ao fim com enorme entusiasmo e sem a menor hesitação. Muito vos tenho a agradecer a vossa amabilidade e a dedicação que durante cerca de três meses tivestes comigo, fazendo-me acreditar que este caminho será recto e útil a todos os cristãos. Espero em breve encontrar-me junto de vós na vossa Igreja, como futuro irmão.» (*Lisboa*).

«Tenho grande júbilo em conhecer a verdade, e em ter aceitado Cristo como meu Salvador. Peço continuamente nas minhas orações para que o vosso trabalho seja coroado de êxito; que muitas almas venham ao conhecimento da verdade e se salvem. Vós escolhestes uma missão nobre, de salvar almas para Deus. Deus há-de recompensar todos os vossos sacrificios feitos em favor da Sua casa.» (*Santa Bárbara — Açores*).

«Como conhecedor destes princípios — da verdadeira fé cristã — por aquisição directa dessa Escola, eu altamente digo a V. que estou maravilhado com o que aprendi durante o curso que acabei de tirar.» (*S. Pedro do Sul*).

Há alunos que confessam não terem no princípio interesse, mas pelo estudo das lições se encheram de verdadeiro entusiasmo, e hoje estão muito reconhecidos pelo bem espiritual que receberam. Outros mostram estar compenetrados da verdade do Sábado e se sentem ansiosos por poder guardá-lo, pedindo-nos encarecidamente o socorro das nossas orações. É de facto uma necessidade apresentar os seus casos dian-



PÁGINA DA JUVENTUDE

A BOA ESTRELA DE CLYDE

por LAWRENCE MAXWELL

Clyde Peterson olhou para o relógio da aula e sentiu um tremor. As aulas estavam quase a terminar. Daí a menos de uma hora estaria ele a caminho dos escritórios do jornal para ir fazer a sua primeira distribuição.

Não tinha medo do trabalho. O que o assustava, por ser inexperiente, era não saber como os outros rapazes o acolheriam. Olhou outra vez para o relógio e chegou quase a desejar que parasse.

No entanto, se Clyde tivesse ouvido a conversa travada, dias antes, entre os tais rapazes, não se teria apoquentado.

— Sabes da última, Bob?

— Não, que há?

— Na próxima semana vão meter outro rapaz ao serviço.

— Ah, sim? Não sabia que precisávamos de mais gente. Desistiu alguém?

— Não, é um itinerário novo lá para o outro lado da cidade.

— Quem é ele?

— Não sei como se chama.

Tom, que até ali tinha escutado em silêncio, ergueu os olhos dos jornais que estava dobrando.

— Olhem cá, rapazes — disse ele — vocês sabem que o primeiro dia é sempre duro de roer. Não se conhece o caminho, não se conhece os fregueses e nem sequer se sabe dobrar os jornais. Que dizem vocês à ideia de lhe dobrarmos os jornais? Não nos levaria muito tempo e ele teria uma boa estreia.

— Bela ideia! — exclamaram eles em coro.

— Ora, então, estejamos aqui mais cedo na segunda-feira de tarde e preparemos-lhe uma verdadeira surpresa.

É claro que Clyde nada sabia disto. Arrastou-se para o escritório, não sabendo se devia chegar a horas ou se devia espe-

rar que os rapazes partissem. Mas eles ainda lá estavam quando ele entrou.

— Olá, — disse-lhe um deles — deves ser o tal rapaz que foi admitido ultimamente.

— Sim... — murmurou Clyde — Onde é que se recebem os jornais?

— Ali estão eles — disse Jack, apontando para uma rima.

— Mas aqueles já estão dobrados — observou Clyde. Não estariam eles a pregar-lhe uma partida, indicando-lhe uma rima que pertencia a qualquer outro rapaz, com o intuito de os pegar à bulha?

— Essa rima é tua — explicou Tom — Nós sabemos que o primeiro dia é muito custoso e resolvemos ajudar-te.

Os temores de Clyde transformaram-se num sorriso.

— Obrigado, meus amigos. Foi muita bondade da vossa parte.

— Deixa-me ajudar-te a carregar — ofereceu-se Jack.

Jim também veio ajudar e em breve Clyde estava a caminho. Os companheiros viram-no caminhar com o seu pesado maço até dobrar a esquina. Foi então que outra coisa tocante aconteceu.

— Vocês não repararam? — perguntou George — O rapaz tem de andar a pé e o caminho é longo!

— Que é que nos vais sugerir desta vez? — atalhou Don, montando na bicicleta — Quererás dizer que temos de lhe comprar uma bicicleta?

— Bem, não digo tanto — respondeu George — Não podemos fazê-lo. Mas todos nós temos bicicletas e ele é quem vai para mais longe.

Todos se calaram, por um momento. Foi então que Jerry falou.

— Já sei o que temos a fazer. Estive em casa do Dave no outro dia. Ele tem lá uma bicicleta velha que não lhe serve para nada. Está um bocado ferrugenta e faltam-lhe peças, mas creio que ele é capaz de no-la vender por pouco dinheiro.

— Pois sim, mas uma bicicleta velha com peças a menos não serve de muito — observou Don, cêpticamente.

— Poderíamos talvez comprar as peças — sugeriu Tom — Eu tenho aqui 7\$50. Quanto é que vocês dão?

— Eu dou também 7\$50 — disse George.

— E eu quinze escudos — disse John.

Don tateou os bolsos.

— Eu dou três escudos. É tudo quanto tenho.

O monte crescia à medida que os rapazes iam contribuindo. Por fim, George contou o dinheiro.

— Temos aqui 120\$00 — anunciou ele — Com isto podemos comprar tinta e algumas peças. Ora vamos lá combinar: Jerry, tu vais buscar a tal bicicleta, e todos os outros vão ter comigo a casa depois de terem dado as suas voltas. Veremos então que peças faltam e mandamos alguém comprá-las. E não se esqueçam — nem uma palavra sequer a Clyde. Isto é que vai ser uma valente surpresa!

— Vamo-nos já embora — aconselhou Don.

Nessa tarde, a casa de George foi cenário de intensa actividade. Quando Dave soube o queriam fazer da sua bicicleta velha, deu-a de boa vontade. Felizmente, não faltava muita coisa. Estava era muito necessitada de umas boas mãos de tinta. Só se ouvia o barulho da lixa com que alguns rapazes raspavam a ferrugem, enquanto outros puxavam a tinta ou oleavam algum rolamento emperrado. Finalmente, acabado o trabalho, afastaram-se para contemplar a sua obra.

— Não está muito má — observou George.

— Está como nova — concluiu Tom.

— Estou em pulgas para ver a cara dele amanhã, quando lha dermos — confessou Jerry.

Na terça-feira de tarde, Clyde atravessou o portão do pátio da escola e encaminhou-se para o escritório do «Daily News», de Elk City. Desta vez não tinha medo. E assobiou uma canção alegre ao pensar na amizade que os companheiros-lhe tinham manifestado no dia anterior.

Os rapazes estavam a pôr-se em fila quando Clyde chegou, e este juntou-se-lhes para receber os jornais. Tom deu-lhe algumas indicações sobre a maneira mais rápida de os dobrar e dentro em breve estavam prontos a partir.

Quando todos se dirigiam para as suas bicicletas, Clyde pegou com firmeza no seu

maço de jornais e caminhou, resolutamente, para a rua.

— Oh, Clyde, então vais a pé? — perguntou-lhe Don — Porque não vais na tua bicicleta?

Clyde perdeu toda a alegria. Iriam eles arreliá-lo por não ter bicicleta? Pôs o maço no chão e, corando, voltou-se para enfrentá-los.

— Eu não tenho bicicleta — respondeu, em tom de desafio — Mas não tenho medo de andar a pé.

— Mas tu também tens bicicleta —olveu Jerry.

— Não, não tenho — replicou Clyde.

— Ah, isso é que tens. Ali está ela encostada à parede.

Clyde olhou para a bicicleta. Era bonita e bem desejou possuí-la. De repente, encheu-se novamente de receio. Tinha ouvido falar de partidas que os rapazes pregavam às vezes. Quem sabe se eles queriam fazê-lo subir para a bicicleta para em seguida chamarem a polícia para o prender?

— Não, meus amigos — disse ele — aquela bicicleta não é minha. E, além disso, tenho que me pôr a caminho.

Baixou-se então para pegar nos jornais.

Tom viu que as coisas não estavam a correr como ele pensara. Pôs a bicicleta no descanso e dirigiu-se para Clyde.

— Ouve, Clyde — disse-lhe ele, amavelmente — Lembra-te de que ontem te dobrámos os jornais para poderes ter uma boa estreia? Pois bem, nós queremos que tu saibas que estamos contentes por teres vindo trabalhar connosco e queremos que te sintas bem cá no nosso grupo. Ontem, depois de teres partido, resolvemos que não devias continuar a trabalhar a pé. Tinha que ter uma bicicleta. Então o Jerry — o Jerry é aquele ali, vês? — e apontou para ele — o Jerry disse que conhecia alguém que tinha uma bicicleta velha e nós, ontem à noite, juntámo-nos em casa do George para a arranjarmos. É uma lembrança nossa para ti!

Clyde não sabia que dizer. Dirigiu-se para a bicicleta e tocou-a ao de leve.

— Monta nela — disse-lhe John — e vê como anda.

Clyde pôs um pé no pedal e descreveu um círculo na rua. — Está óptima. — disse ele.

— Deixa-me cá pôr-te os jornais em cima — ofereceu-se Tom.

TESTEMUNHO DE UM CATEQUISTA DE MOÇAMBIQUE

O QUE DEUS FEZ POR MIM

Estava eu trabalhando no Chinde, longe da minha terra, quando, um dia, recebi uma carta com a notícia de que tinha chegado à minha aldeia um mestre adventista. Saber ler e escrever tinha sido e era um grande desejo que até ao momento não tinha podido satisfazer; e foi com grande alegria que ouvi ler e reler a boa nova. Imediatamente resolvi voltar para a terra assim que tivesse terminado o contrato de trabalho que estava cumprindo, e frequentar a ambicionada escola.

Bocados amargos me aguardavam. As minhas barbas e a minha idade eram objecto de riso para as crianças minhas condiscípulas; e a vergonha que sentia era tanta que muitas vezes pensei em abandonar a escola. Valiam-me, nessas ocasiões de desânimo, os bons conselhos do meu mestre. Por fim, a convivência acabou por fazer esquecer a diferença de idades, e um dos motivos de mofa desapareceu quando, em boa hora, me despojei das barbas.

Um adulto só pode frequentar a escola da Missão nas suas horas vagas. O tempo útil tem de ser dedicado ao trabalho remunerado nos campos, não vá dar-se o caso de indivíduos preguiçosos se acolherem à sombra da Missão com o intuito de se eximirem, simplesmente, às obrigações de trabalho que têm para com os seus patrões. Tal foi o programa que tive de seguir na Missão, para onde transitei depois de o meu mestre me ter iniciado no português oral.

Por esse tempo já o Evangelho de Cristo tinha aberto brecha no meu espírito de pagão. Pouco depois de ter chegado à Missão tive a grata alegria de ser baptizado; e, agora, ao simples desejo de aprender a ler e a escrever juntava-se um outro maior que estava dando rumo novo à minha vida: o de trabalhar na Obra de Deus para levar aos meus irmãos pagãos as boas novas da salvação por meio do sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo.

Em 1951 concluí o meu curso, não sem que tivesse sido fustigado por uma raposa no ano anterior. Fui então colocado como catequista em Mucurubo, lugar onde havia uma classe de ouvintes com duzentos mem-

bro. Em 1953 o Senhor deu-me a alegria de levar ao baptismo dezanove almas. No mesmo ano fui transferido para Mirriua, lugar onde temos uma igreja com setenta e três membros. No ano passado baptizaram-se dezoito pessoas e neste ano esperamos apresentar a baptismo, se Deus quiser, mais vinte. Em Mirriua temos ainda uma Escola Sabatina com cento e sessenta membros, uma Classe de Ouvintes com oitenta membros, uma Classe Baptismal com trinta membros e as classes de Português Oral com oitenta e um alunos.

Dou louvores a Deus por toda a Sua grande misericórdia para comigo, pois sendo eu pagão me fez Seu filho. Também Lhe dou louvores por todas as bênçãos que tem concedido ao meu trabalho; e ainda por ter nascido nesta grande terra portuguesa de Moçambique, onde temos ordem e paz e onde não falta, graças ao nosso bom Governo, a liberdade de pregar o Evangelho do Reino a toda a criatura.

Esteves Mutomola

Catequista da Missão Adventista de Mungulúni em Mirriua

ESCOLA RÁDIO-POSTAL

(Conclusão da pág. 10)

te do nosso Bom Pai Celeste para que essas queridas almas, por quem Cristo morreu, vençam as suas dificuldades e se integrem completamente nas verdades que hoje conhecem. É natural que os verdadeiros frutos deste trabalho ainda se não vejam, mas esperamos que de futuro se verão.

Desejamos, pois, ao apresentar o relatório da Escola Rádio-Postal, que todos os nossos irmãos continuem a reconhecer as vantagens deste curso e não deixem de se interessar por ele e de utilizá-lo no seu trabalho missionário.

Damos graças a Deus pelos resultados já obtidos e pedimos-Lhe as Suas ricas bênçãos e divina direcção para o que ainda resta realizar.

A. F. Raposo

UMA LUZ NO SUL DE ANGOLA

Nas últimas campanhas evangelísticas que passámos em Angola, no mês de Junho deste ano, tomámos contacto com uma aldeia, perdida no mato do sul de Angola, e cuja história já tínhamos começado a conhecer nas campanhas do ano passado.

Caminhávamos desde pela manhã, visitando os locais onde estavam os catequistas concentrados, para as campanhas, quando chegámos perto do local onde devia estar a anhara, em que ficava a picada para a aldeia. O capim alto tapava à nossa vista qualquer trilho, mas indo de vagar conseguimos ver, lá longe, os paus, que no meio da anhara assinalavam o caminho, para os caçadores. Metemos por ali, e durante cerca de uma hora, caminhámos através do mato. Olhando para a frente e para o lado, só víamos árvores e mais árvores, e parecia que o caminho não tinha fim, ou melhor, não tinha saída. Aquilo que dantes tinha sido estrada, estava abandonado, e o capim crescia por todo o lado, tapando a vista, e os buracos. Nunca tínhamos visto uma aldeia assim tão metida no meio do mato, e felizmente que já a tínhamos alcançado. Mas quando chegámos à aldeia o pastor que ia conosco ficou um pouco indeciso, pois não a reconheceu. Ele havia passado ali há um ano e tudo estava muito diferente. Mas ouçamos a história que ele nos contou:

— No ano de 1951, quando um catequista procurou saber onde estava um casal de crentes que há algum tempo não aparecia, soube que eles tinham deixado aquela região e tinham ido trabalhar para outro posto, um pouco distante. Ele era ferreiro mas dificuldades fizeram-no pensar em ir para longe. O catequista realmente nunca mais pensou neles, pois era às vezes costume isso acontecer.

Mas chegou 1954, e ao realizarmos uma campanha, no posto de Galangue, soube-mos que o interesse havia sido levantado por aquele casal, que já tinham junto de si mais algumas pessoas conhecidas. Escolheram um local no meio do mato, onde socegradamente pudessem trabalhar, junto de uma outra aldeia, e começaram a falar de Cristo e da sua fé, aos que os rodeavam, incluindo o próprio soba e rainha. Eles tiveram interesse em ouvir as suas palavras, acerca de Deus. Foi no ano passado que os vimos surgir, certa manhã de sábado,

talvez uma dúzia deles, limpos, com as suas Bíblias e os seus hinários na mão, contentes, vindo ao nosso encontro. Eles vinham radiantes de alegria, embora tivessem caminhado durante umas boas horas, para ali estar connosco logo de manhã.

Segundo nos contou o catequista, que lá tinha passado, no ano passado havia quatro casas e o número de pessoas não era maior que doze. Hoje nós pudemos ver com os nossos próprios olhos, que as casas eram 12, agora, e o número de pessoas eram quarenta e cinco, e por isso ninguém foi capaz de reconhecer a aldeia.

Foi graças ao trabalho daquele casal de crentes que se formou uma aldeia de quarenta e cinco pessoas, que seguem conforme ele lhes transmitiu a doutrina de Jesus. No meio da aldeia, com as casas alinhadas, pudemos ver a capela. As suas paredes de paus, e o tecto esperavam ainda barro e o capim para os cobrir, mas mesmo assim, ali nos reunimos com eles, ali cantámos, ali falámos de Jesus, e eles esperam que dentro em breve ali esteja uma catequese estabelecida.

Aquela aldeia, foi e continua a ser uma luz brilhante. Muitas aldeias ao redor têm recebido essa luz, e esperam confiantes que breve lhes seja também pregada a mensagem da volta de Jesus.

A. Morgado

A BOA ESTRELA DE CLYDE

(Conclusão da pág. 12)

Clyde, com o rosto radiante de alegria, olhou para os dezassete rapazes que lhe sorriam. — Obrigado, meus amigos — disse-lhes ele com voz trémula — vocês foram muito amáveis.

— Está-se a fazer tarde — anunciou Don — Tenho que me ir embora. Não há tempo para sentimentalismos...

Os rapazes dispersaram e eu não sei qual deles era o mais feliz — se Clyde com a sua bicicleta arranjada de novo, se os dezassete rapazes do jornal que tinham obedecido ao mandamento do Senhor: «Amai-vos uns aos outros».

NOTÍCIAS DO CAMPO

ARMANDO PIRES — Acompanhado de sua esposa e filhos, embarcou, em 2 de Novembro, em viagem de regresso para Angola, este nosso prezado irmão, que entre nós esteve alguns meses. Agradecemos-lhe a preciosa ajuda que, na ausência do obreiro de Tomar, prestou naquela igreja, e desejamos-lhe grandes bênçãos no prosseguimento do seu trabalho como missionário.

MUDANÇA DE OBREIROS — No início de Novembro, deram-se as seguintes mudanças: o Ir. Vítor Martinez, que se encontrava no Barreiro, passou para Lisboa a fim de dirigir o Departamento de Publicações da União; e o Pastor Fernando Mendes foi transferido para o Barreiro, continuando a dirigir o Departamento dos M. V., como anteriormente. A ambos desejamos grande êxito nas suas actividades.

MISSÃO DE CABO VERDE

Do Boletim dos Departamentos desta Missão, n.º 38, de Setembro, extraímos os seguintes parágrafos:

«As actividades escolares devem estar em funcionamento quando este Boletim chegar até vós. Este ano lectivo funcionam quatro escolas na Missão de Cabo Verde:

Brava — Dirigida pela Ir. Maria José da Rosa, tendo como auxiliar a jovem irmã Zilma Feijóo Barbosa.

Praia — Dirigida pela Irmã Lucília Ferreira.

Fogo — Dirigida pelo Ir. Joaquim Barbosa Macedo.

S. Vicente — Onde leccionam duas jovens irmãs, estudantes: Edite Feijóo Barbosa e Raquel Lea Norma Schofield. Além destes, leccionam em S. Vicente o 1.º ciclo e o 3.º ano os Irmãos Valério Fortes e Benjamim William Hatz.

As actividades da Mocidade Portuguesa, ao abrigo da Portaria 4.801, de 25 de Junho de 1955, podem, mediante requerimento dirigido ao Senhor Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, ser transferidas para outro dia que não seja o Sábado, ficando os honorários do Monitor a cargo da respectiva escola.

MISSÃO DA MADEIRA

Tivemos o prazer de ter connosco durante alguns dias a presença nesta missão do nosso prezado Irmão Director, Ernesto Ferreira, que aqui veio em visita no desempenho das suas funções dentro do nosso movimento. Os nossos agradecimentos.

— É aqui esperado dentro de dias o nosso Irmão Pastor Fernando Mendes que vem a esta ilha lançar na colportagem 4 jovens daqui que manifestaram este desejo. Fazemos votos para que tenha uma boa viagem.

— É com manifesta alegria que dou aos nossos Irmãos, assinantes e amigos da nossa «Revista Adventista», algumas notícias do trabalho que se está fazendo nesta encantadora ilha da Madeira.

Temos pela graça de Deus, nesta ilha, uma bela Igreja. Bela tanto no aspecto exterior, como um belo e novo templo, como ainda na questão que

diz respeito aos membros. Este edificio pode conter sentadas 250 a 300 pessoas.

Continuamos aqui o trabalho iniciado pelos nossos Irmãos pioneiros e além dos cultos feitos na Igreja mãe do Funchal, deslocamo-nos ao Caniço, onde um irmão nos oferece graciosamente a sua casa; a Santa Cruz, onde possuímos uma alegre salinha alugada; ao Machico, onde temos uma família que em tempos idos sofreu ali terrível perseguição familiar e o apuro dos vizinhos, mas que hoje graças a Deus são firmes e fiéis nos nossos princípios; a S. Roque, onde temos umas famílias que todas as segundas-feiras se juntam connosco para ouvir a Palavra de Deus.

Como em todas as Igrejas do Continente, a Igreja do Funchal cresce tanto espiritualmente como em membros. E assim no último Domingo, 16 de Outubro, tivemos o privilégio de baptizar no Senhor 6 preciosas almas, que vieram assim desta maneira aumentar o nosso registo de membros.

Com o nosso templo cheio de Irmãos e visitas tivemos esta bela cerimónia e muitas bênçãos espirituais dela foram tiradas para cada um de nós. Dispondo aqui de um belo grupo de irmãos colaboradores, não nos é difícil realizar cerimónias congêneres ou de qualquer outra espécie, visto eles collocarem os seus talentos ao serviço da Igreja. E assim todos irmanados no mesmo espírito, continuamos e desejamos que connosco termine a ordem de Jesus, que disse: «Ide por todo o Mundo; ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo».

O nosso trabalho continua neste sentido e já contamos com uma bela classe baptismal que a seu tempo dará o seu fruto. Fez-se um apelo nesta reunião a pessoas interessadas para ingressarem na classe baptismal, e era consolador ver muitas almas levantando-se a responder por esta atitude ao convite feito. Oxalá que nós nunca desanimemos e continuemos com este espírito a grande tarefa que está à nossa frente e estou certo que Deus enviará o Seu espírito e tocará os corações.

Irmãos, o grito de Isaías, o profeta, é ainda um facto: «...porque as trevas cobriram a terra e a escuridão os povos. Por isso levanta-se sobre nós, como a espada de Damocles, a nossa responsabilidade como luzes do Senhor: «Levanta-te e resplandece...» «...e os homens caminharão à tua luz».

Irmãos, contamos convosco, nas vossas orações em favor deste trabalho aqui. Algo se tem feito, mas o que resta fazer é ainda esmagador; mas também sabemos que: «Não por força nem por violência mas pelo Meu espírito.» «...E então faremos proezas».

E quando Jesus voltar e que nos receba a nós e aqueles a quem ajudámos a ganhar, ouvir-se-ão as palavras: «O trabalho das Suas mãos Ele verá e ficará satisfeito...»

Façamos nossas as palavras do Profeta.

Assim o deseja este vosso colaborador,

Manuel Laranjeira

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Lisboa

9 de Agosto — Com 90 anos, faleceu a nossa prezada Irmã Maria da Encarnação Salgueiro Raposo, que foi membro fiel da nossa Igreja durante mais de 20 anos. Há 6 anos que havia cegado, mas nunca, até ao derradeiro suspiro, perdeu a esperança em Jesus e na Vida Eterna.

5 de Outubro — Cumprimos o doloroso dever de acompanhar à sua última morada, o nosso prezado Irmão Benito Armada Rios, que faleceu, no Hospital de S. José, após 2 meses de penoso sofrimento. O Irmão Benito Rios adormeceu no Senhor na esperança de ser despertado pelos Anjos, na manhã gloriosa da volta de Jesus.

No funeral, incorporaram-se grande número de pessoas suas amigas e não pequeno número de irmãos na mesma Fé. No cemitério, perante numerosa assistência, fez-se uma alocução, apropriada ao momento, após o que nos despedimos do nosso Irmão até ao dia da grande reunião final dos Filhos de Deus.

As nossas queridas irmãs Carmen Rios e Benita Rios, respectivamente, esposa e filha do defunto, e demais família enlutada, apresentamos, uma vez mais, as nossas sentidas condolências.

11 de Outubro — Foi com sentida tristeza que vimos partir a nossa saudosa Irmã Mónica Firmo Oliveira. Havia já alguns meses que saíria, mas, sempre muito crente e de muita fé, raras vezes faltou ao culto no dia do Senhor, até escassos dias antes de falecer. Descansa, a nossa Irmã, no Senhor, esperando a manhã radiosa da ressurreição.

Em casa e no cemitério, dirigimos algumas palavras alusivas à esperança do crente.

Ao seu esposo, Sr. João Oliveira, manifestamos, de novo, o nosso sentido pesar.

★

Permita o nosso Bom Deus que outras almas, sinceras e cheias de fé como estes nossos irmãos, venham preencher os lugares por eles vagos na nossa Igreja.

Juvenal Gomes

Há dois mil anos

*O negrume da noite contrastava
Com o mistério que se ia desvendar;
Ali, Aquele que o Mundo ia salvar
Na manjedoura rude repousava.*

*Pelas quebradas dos montes ecoava
O coro angelical a divulgar
O advento do que havia de mudar
O Mundo, com o amor que resgatava.*

*Treme, treme, ó idólatra sectário!
Parte, déspota, o ceptro sanguinário
Manchado de homicídio e de opressão.*

*Sorri, escravo; exulta, ó plebeu:
Pois, vindo à Terra, o Salvador nasceu
A fim de a todos dar a Redenção.*

Ponta Delgada, Dezembro de 1955.

EDUARDO MONIZ ANDRADE

Departamento de Publicações da União Portuguesa

Relatório de vendas referente a Agosto-Outubro de 1955

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Alberto Nunes	195	23.858\$00	—\$—	23.858\$00
António Gomes Duarte	533	10.330\$00	4.705\$00	15.035\$00
Anselmo Almeida	126	11.000\$00	1.840\$00	12.840\$00
Missão da Madeira	—	—\$—	9.000\$00	9.000\$00
João António	515	5.395\$00	765\$00	6.160\$00
Adelino Diogo	470	5.670\$00	410\$00	6.080\$00
Flora Saramago	624	1.000\$00	3.825\$00	4.825\$00
Maria L. Saboga	236	—\$—	3.980\$00	3.980\$00
Clemente Sales	145	2.000\$00	1.810\$00	3.810\$00
Afonso António	470	3.230\$00	—\$—	3.230\$00
Joaquim Dias	89	2.435\$00	—\$—	2.435\$00
M. C. Resende	454	500\$00	1.235\$00	1.735\$00
Júlia Sanches	246	1.215\$00	395\$00	1.610\$00
Mariana Casimiro	60	—\$—	1.290\$00	1.290\$00
José C. Godinho	53	1.100\$00	—\$—	1.100\$00
Idalina Ferreira	40	—\$—	1.080\$00	1.080\$00
Januário Quintino	146	930\$00	—\$—	930\$00
João Rafael Prado	115	635\$00	220\$00	855\$00
J. D. Tavares	47	675\$00	140\$00	815\$00
João Parreira Lopes	115	660\$00	—\$—	660\$00
António Maurício	16	630\$00	—\$—	630\$00
Ernesto Sousa	24	470\$00	—\$—	470\$00
Amílcar Godinho	39	420\$00	—\$—	420\$00
Ernesto Almeida	18	295\$00	—\$—	295\$00
	4.776	72.448\$00	30.695\$00	103.143\$00